

SAUDAÇÃO DE BENEDICTO MONTEIRO

ALENQUER

Te cantei em música e verso, em lágrimas e sonhos. E te carreguei comigo durante toda a minha juventude, te vendo e te revendo, te criando e recriando, através da imaginação e da poesia de filho apaixonado.

Viajaste comino neste Brasil, esta América e por todo o mundo: me lembrei dos teus igapós, uma vez em Paris, na margem do Sena; outra vez na Alemanha na margem do Reno; pensei em ti muitas vezes em Portugal, na margem do Tejo. Comparei o teu Amazonas com o Mar Negro, na Rússia com o Mar Báltico, na Escandinávia, e até com o Mar Mediterrâneo entre a Europa e a África.

Aqui mesmo, vivi, cantei e rasguei, nestas ruas, quase toda a minha mocidade.

E quando vadeava teus rios e igarapés, corria nos teus campos e devassava tuas matas, a realidade da vida do teu povo não conseguia apagar o brilho e a loucura dos meus olhos. Te queria linda e cidade. Te via e revia sempre a cidade dos meus sonhos.

Depois, por tua causa, percorri teus rios e teus caminhos nu e amarrado. Freqüentei tua cadeia como preso depois de tê-la aberto tantas vezes como juiz, advogado e deputado. Fui perseguido em cada casa em cada amigo. E te sonhei cidade ainda entre quartéis e grades.

Sofri o exílio nas tuas ruas mesmo sem sair da fronteira do nosso Estado. Mas hoje, é o dia do teu **CENTENÁRIO**. Não posso mais te ver com os olhos de jovem, nem com os olhos de moço e nem com os mesmos olhos que te vi e te escrevi nos meus romances.

Cem anos se passaram e muitos sofreram e morreram para que não ficasses uma cidade sem memória.

Nem que não esteja escrito e gravado nos programas, nas fotografias, nas festas e nas medalhas, eu vejo aqui em cada pedra os teus pioneiros. Vejo todos os teus construtores que foram nossos antepassados. Mas não citarei os nomes dos homens, mulheres, e famílias que fizeram o nosso povo e que te construíram do nada, palmo a palmo. ***OS NOMES DESSES HERÓIS E GIGANTES HUMILHARIAM COM CERTEZA OS QUE RECEBEM HOJE AS HONRAS DO CENTENÁRIO.***

Quanto a mim, Alenquer, só quero te dizer humildemente, que se fracassei construindo uma maromba de cimento nas tuas várzeas, se não consegui plantar e replantar os cacuais e castanhais que eu sonhava, se lutei ingloriamente salvando o gado e os jutais da enchente grande, se não consegui rasgar um canal direto ao Amazonas varando as ilhas da tua frente, te construí e te mantive sempre uma cidade. Uma cidade de sonhos e

de palavras. É por isso a saga do teu povo hoje corre o mundo. É que os livros que escrevi só falam do teu nome, do teu povo e da tua história.

Hoje, venho a te dizer, Alenquer, apenas que te amo.

E que não és uma cidade sem memória.

Benedicto Monteiro.